

Português do Brasil

Palermo, 14 de maio de 2018

Pontifícia Faculdade Teológica da Sicília

Lendo o Carisma da unidade em diálogo com as igrejas da Sicília

Maria Voce

Premissa

Estou muito feliz por estar aqui em nome do Movimento dos Focolares neste ano de 2018 que vê a cidade de Palermo como a capital italiana da cultura. E estou igualmente comovida pelo fato de que este evento acontece justamente aos vinte anos da entrega da cidadania honorária de Palermo a Chiara Lubich, homenagem que ela recebeu com entusiasmo e gratidão.

Estas também são pequenas coincidências ligadas por aquele imperceptível "fio de ouro" que conduz e guia a história da humanidade.

Lendo o Carisma da unidade

Chegando aqui em Palermo, neste feliz momento em que tantos eventos, de fato, concentram a atenção sobre a cidade¹, ouvi ressoar novamente as veementes palavras de Chiara dirigidas a esta cidade em 20 de janeiro de 1998. Ela disse: *"prometemos que Palermo estará sempre presente nos nossos corações, nas nossas orações, na programação das nossas atividades, de modo que, pela audácia e a coragem dos seus cidadãos, saiba chegar a ser modelo para muitas cidades da Itália e também do exterior, como verdadeira «cidade sobre o monte»²."*

E também intuí com especial força aquela "palavra" de amor que Deus quis focalizar, através do Carisma que Ele doou a Chiara, para a humanidade de hoje. "Palavra" que hoje, me parece, é pronunciada pela própria vocação desta cidade. Essa "palavra" está toda concentrada no testamento de Jesus: *"Que todos sejam um"* (Jo 17,21).

Chiara Lubich partiu para o Céu há dez anos, mas nos deixou um sinal indelével do seu constante empenho pela comunhão na Igreja, pelo diálogo ecumênico e pela fraternidade entre todos os povos.

Ela foi, de fato, a figura de uma mulher carismática, da qual teve origem uma Obra ramificada em todas as latitudes, direcionada a introduzir na humanidade sementes de vida evangélica que a acompanham na sua caminhada rumo à fraternidade universal.

Desde a década de 1940, Chiara manifestava este seu ardente desejo com expressões ricas de ímpeto e de ardor, que inflamavam os corações das suas companheiras. *“Olhemos ao nosso redor – escreveu –: somos todos irmãos: ninguém está excluído!”*, exortando assim a viver pela *“fraternidade universal em um único Pai, Deus, que está nos Céus”*³.

É um programa que pode ser atuado em todas as cidades, mas que encontra um terreno particularmente fértil justamente aqui, em Palermo, lugar – como evidenciou Chiara – *“de encontro durante os séculos entre povos, culturas e civilizações diferentes”*, que possui nas suas raízes *“os valores da acolhida da diversidade, da solidariedade e da generosidade”*⁴.

Chiara olhou para toda a humanidade com o desejo de *“trazer o Céu à terra e levar a terra ao Céu”*⁵, a “Pátria” verdadeira, a única “Pátria” de todos.

“Quando um emigrante se muda para um país distante – ela constata –, sem dúvida adapta-se ao novo ambiente que encontra, mas muitas vezes continua a falar a sua própria língua, a vestir conforme a moda do seu país e a construir casas semelhantes às da mãe-pátria.

Quando o Verbo de Deus se fez homem, adaptou-se ao modo de viver do mundo, e foi criança e filho exemplar, homem e trabalhador, mas trouxe à terra o modo de viver da sua pátria celeste e quis que homens e coisas se recompusessem numa nova ordem, segundo a lei do Céu, o amor”⁶.

O anseio de Chiara pela unidade deve ser entendido precisamente à luz dessa visão tão luminosa do homem e do cosmos. Ela intuiu profeticamente, muitos anos antes do Concílio Vaticano II⁷, que todo homem e toda mulher desta terra (o operário, o pescador, o emigrante, o professor, o deputado, o estudante...) ⁸, individualmente e juntos, em qualquer situação se encontrem, são chamados a construir a *“civilização do amor”*.

Uma espiritualidade de comunhão

A este ponto, poderíamos nos perguntar: o que o Carisma de Chiara Lubich – reconhecido como carisma efetivamente eclesial – doou e pode continuar a doar à Igreja universal? Qual a sua contribuição específica? E ainda: o que doou e pode doar às igrejas particulares? E, portanto, também às igrejas da Sicília?

Com o Carisma da unidade nasceu antes de tudo uma espiritualidade nova, um “novo caminho” na Igreja: uma espiritualidade na qual – releve Chiara – *“a vida da Trindade não mais é vivida somente na interioridade da pessoa individualmente, mas circula livremente entre os membros do místico Corpo de Cristo”*⁹.

Esta é uma espiritualidade que encontra plena consonância também no Concílio Vaticano II, o qual evidenciou particularmente a importância da eclesiologia de comunhão, orientando a Igreja a realizar o seu ser imagem da Trindade e a sua missão de testemunhar a unidade no mundo¹⁰.

Nesta época, definida “época da aldeia global”, na qual a humanidade se sente cada vez mais chamada “a ser uma única família”, uma espiritualidade comunitária como esta pode representar uma resposta.

Depois de mais de setenta anos de experiência do nosso Movimento, podemos dizer que ela, colocada como base da vida pessoal e social, traz uma notável renovação nos mais variados âmbitos da vida humana: no âmbito político, econômico, cultural, artístico, da medicina, da educação, das comunicações sociais ...

Dessa espiritualidade de comunhão vimos florescer também a comunhão dentro da Igreja entre os vários Movimentos eclesiais que a enriquecem; entre os vários carismas antigos e novos. Além disso, vimos o como ela é útil para contribuir na realização da unidade dos cristãos e também para abrir aquele diálogo com pessoas de outras religiões, que representa uma das fronteiras mais desafiadoras e urgentes do terceiro milênio.

É uma realidade que pudemos experimentar inclusive nas igrejas particulares.

Vindo à Sicília, exatamente aqui em Palermo, em 1998, Chiara relembrou as etapas fundamentais da presença do Movimento nesta terra.

E podemos constatar o mesmo agora, após 20 anos daquele evento.

Apesar das inúmeras emergências destes últimos anos, e precisamente através dessas emergências, o compromisso dos membros do Movimento, na Sicília, está profundamente voltado para o testemunho e a construção da unidade da família humana, lá onde ela se apresenta mais ameaçada e precária.

Deste modo, eles procuram responder ao apelo lançado por Chiara, quando os solicitou a *“construir uma cultura nova, a cultura dos direitos humanos, a cultura da legalidade, a cultura do amor, a cultura da vida (...) e não da morte”*¹¹. Uma cultura completamente nova que, porém, encontra as suas raízes no cristianismo. E, exortando-os a *“encontrarem um caminho”* para difundir essa cultura, sugeriu que comessem dentro da Igreja católica, conhecendo os outros Movimentos, as outras paróquias, as outras associações, os outros grupos, para amá-los, para entendê-los. E então levar a unidade entre todos.

Tenho a impressão de poder dizer que – para a realização desse objetivo – alguns passos foram dados. É claro que ainda há muito caminho a percorrer, mas esse é um compromisso que também hoje, com todo o Movimento, queremos renovar: dar a nossa contribuição para gerar aquela “nova civilização”, que tem dentro todos aqueles valores que infelizmente são muitas vezes pisoteados e crescer cada vez mais *“sem esquecer – como lembrava Chiara – todos os irmãos cristãos, sem esquecer as outras religiões, sem esquecer ninguém”*¹².

Desta forma, será realmente possível gerar uma nova cultura, uma cultura de unidade, aquela cultura definida repetidamente por Chiara a *“cultura da ressurreição”*.

“Ressurreição de Roma”: cultura da ressurreição

Em um seu famoso escrito de 1949, intitulado *“Ressurreição de Roma”*, está claramente explicitado o que se entende por *“cultura da ressurreição”*. Trata-se de um texto emblemático para nós para olhar para cada cidade e trabalhar nela. De fato, Chiara –

comunicando uma sua experiência pessoal – oferece também a nós uma nova perspectiva a partir da qual ler todos os desafios do nosso tempo. Proponho alguns trechos desse texto:

“Se olho para esta Roma assim como é, sinto o meu Ideal distante, como distantes são os tempos em que os grandes santos e os grandes mártires iluminavam à sua volta, com a Luz eterna, até as paredes destes monumentos que ainda se levantam para testemunhar o amor que unia os primeiros cristãos.

Em gritante contraste, o mundo com sua sordidez e vaidades domina agora Roma nas ruas e, pior ainda, nos recessos dos lares, onde mora a ira com todo o pecado e a agitação.

Diria que o meu Ideal é uma utopia se não fixasse o pensamento Nele que também viu um mundo igual a este, que o cercava e que, no ponto culminante de sua vida, pareceu ser arrastado por tudo aquilo, vencido pelo mal.

Ele também olhava para toda esta multidão a quem amava como a si mesmo, Ele, que a criara para si e gostaria de ter lançado os elos que deveriam uni-la novamente a Ele, como filhos ao Pai, e unir irmão com irmão.

Ele descera para recompor a família, para fazer de todos “um” [Como foi dito no início desse breve discurso].

Mas, ao contrário, apesar de suas palavras de Fogo e de Verdade — que queimavam o matagal das vaidades que sufoca o que de Eterno existe no homem e passa entre os homens —, o povo, a grande parte do povo, embora compreendendo, não queria entender, e continuava com os olhos apagados pois a alma estava obscurecida”.

Perante uma situação tão negativa, Chiara constata, todavia, que Jesus “Olhava o mundo” como ela o via, “mas não duvidava”.

E eis a sua decisão, que podemos assumir como nossa:

“Também eu (...), faço como ele. Olho o mundo que está dentro de mim e me apego àquilo que tem essência e valor.

(...)

De modo que, olhando novamente para fora, vejo a humanidade com os olhos de Deus que em tudo crê porque é Amor.

(...)

Jesus deve ser ressuscitado na Cidade eterna e inserido em toda parte. É a Vida, a Vida completa. Não é só um fato religioso...Separá-lo da vida integral do homem é uma heresia prática dos tempos de hoje, é sujeitar o homem a alguma coisa inferior a ele e banir Deus, que é Pai, para longe dos filhos.

Não. Ele é o Homem, o homem perfeito que reúne em si todos os homens e toda a verdade e impulso que os homens podem sentir para se elevarem ao seu lugar.

Quem encontrou este Homem, encontrou a solução de todo problema, humano e divino. Ele o manifesta. Basta que o amemos”¹³.

Desta forma, conquista espaço aquela cultura da ressurreição que Chiara abriu amplamente para todos nós e que se abre, especialmente hoje, em Palermo, com os votos de que esta cidade possa verdadeiramente ser "a capital italiana da cultura", mas de uma “cultura” que é “da ressurreição”, verdadeira “cidade sobre o monte”.

¹ **Do site oficial da Cidade** "Palermo Capital italiana da Cultura 2018": "Palermo, pela sua história e seu presente, é expressão das diferentes culturas europeias em diálogo com o mundo árabe e, também, capital médio oriental dentro da complexa cultura europeia. (...) **Palermo é cidade-mosaico**, do qual cada pedrinha é uma expressão de mundos diferentes. Na sua história, sempre mostrou um DNA, uma aptidão e uma vocação para se constituir como lugar das interfaces culturais. **Como cidade-link**, dedicada à construção sincrética de processos interculturais. Sua paisagem, sua língua, seus monumentos, sua culinária e seu tecido urbano testemunham isso. Símbolo desta condição é a Lápide Quadrilingue, alojada no Palazzo della Zisa: uma lápide funerária datada de 1149, em judaico, em latim, em grego e em árabe, integrando os diversos sistemas de cronologia do mundo e demonstrando a multietnicidade da corte de Ruggero II e o respeito por todas as religiões e todos os povos que habitavam a Sicília; e assim é também a convivência do culto de Santa Rosália, padroeira da cidade, com o do Santo Negro Benedito, o Mouro”.

² C. Lubich, *Discurso* por ocasião do recebimento da Cidadania Honorária, Palermo (Palazzo delle Aquile), 20 de janeiro de 1998.

³ C. Lubich - I. Giordani, *Erano i tempi di guerra*, Roma 2007, p. 65.

⁴ Cf. C. Lubich, *Discurso* por ocasião do recebimento da Cidadania Honorária, Palermo (Palazzo delle Aquile), 20 de janeiro de 1998.

⁵ Cf. C. Lubich - I. Giordani, *Erano i tempi di guerra*, Roma 2007, p. 64.

⁶ C. Lubich, *Lectio magistralis* por ocasião da entrega do doutorado *h.c.* por parte da Universidade de Trnava, Castel Gandolfo, 23 de junho de 2003.

⁷ Cf. Bento XVI, *Carta ao cardeal Bertone para o funeral de Chiara Lubich* (18 de março de 2008), in “La Traccia” 3 (2008), pp. 327-328. “...olhando para as iniciativas que suscitou, se poderia afirmar que tinha quase a capacidade profética de intuí-lo e de atuá-lo antecipadamente [o pensamento do Papa]”.

⁸ Cf. C. Lubich, *Meditações*, Cidade Nova, São Paulo 2005, págs. 68-70: “Tu, eu, o leiteiro, o agricultor, o porteiro, o pescador, o operário, o camelô... E os outros todos, idealistas desiludidos, mãos carregadas de pesos, noivos em vésperas de núpcias, velhinhas sem brilho à espera da morte, jovens vibrantes, todos... Todos são matéria-prima para a sociedade de Deus. Basta que haja neles um coração que mantenha alta, ereta, direcionada a Deus a chama do amor”.

⁹ C. Lubich, *Lectio magistralis* por ocasião da entrega do doutorado *h.c.* por parte da Universidade de Trnava, Castel Gandolfo, 23 de junho de 2003.

¹⁰ É o que confirmará amplamente também a Carta apostólica *Novo Millennio Ineunte*, na qual João Paulo II propõe a “espiritualidade de comunhão” a toda a Igreja para que possa ser vivida por ela. Cf. *Novo Millennio Ineunte* 43-45, *EV* 20 (2001) 85-90.

¹¹ Cf. C. Lubich, *Respostas aos internos das regiões da Sicília, Calábria e Malta*, Palermo (Fiera del Mediterraneo), 18 de janeiro de 1998.

¹² Cf. C. Lubich, *Respostas aos internos das regiões da Sicília, Calábria e Malta*, Palermo (Fiera del Mediterraneo), 18 de janeiro de 1998.

¹³ Cf. C. Lubich, *Ressurreição de Roma*, Escrito [Outubro de 1949].